

coleção ensaios  
brasileiros  
contemporâneos

# ciudades

Organização  
Raquel Rolnik  
Ana Fernandes

Alana Moraes • Angelo Serpa • Antonio Risério • BaixoCentro • Bernardo Gutiérrez • Carlos Vainer • Carlos Walter Porto-Gonçalves • Cibele Saliba Rizak Daniel Caribé • Denise Elias • Diogo Lyra • Elane Ribeiro Peixoto • Fernanda Sánchez • Gabriel de Santis Feltran • Guilherme Wisnik • Hamilton Borges Walé Henrique Parra • Jailson de Souza e Silva • Jean Tible • João Farias Rovati • Juliano Pamplona Ximenes Ponte • Leticia Lindenbergl Lemos • Luiz Carlos Pinto • Lutero Pröschooldt Almeida • Márcia Metran de Mello • Marcus Vinícius Faustini • Mariana Fix • Michel Misse • Paula Freire Santoro • Pedro Abramo • Pedro Arantes • Pedro Britto • Renato Pequeno • Rodrigo Torquato da Silva • Rogerio Proença Leite Rosa Ribeiro • Rose Compans • Salvador Schavelzon • Silvio Lima Figueiredo Sylvia Ficher • Vera Malaguti Batista

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

Presidente  
**Michel Temer**

Ministro da Cultura  
**Marcelo Calero**

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES — FUNARTE

Presidente  
**Humberto Braga**

Diretor Executivo  
**Reinaldo da Silva Verissimo**

Diretora do Centro de Programas Integrados  
**Maristela Rangel**

Gerente de Edições  
**Filomena Chiaradia**

---

**coleção ensaios  
brasileiros  
contemporâneos**  
cidades

**Organização**  
**Raquel Rolnik**  
**Ana Fernandes**

Alana Moraes • Angelo Serpa • Antonio Risério • BaixoCentro • Bernardo Gutiérrez • Carlos Vainer • Carlos Walter Porto-Gonçalves • Cibele Saliba Rizek • Daniel Caribé • Denise Elias • Diogo Lyra • Elane Ribeiro Peixoto • Fernanda Sánchez • Gabriel de Santis Feltran • Guilherme Wisnik • Hamilton Borges Walê • Henrique Parra • Jailson de Souza e Silva • Jean Tible • João Farias Rovati • Jorge Luiz Barbosa • Juliano Pamplona Ximenes Ponte • Leticia Lindenberg Lemos • Luiz Carlos Pinto • Lutero Pröscholdt Almeida • Márcia Metran de Mello • Marcus Vinícius Faustini • Mariana Fix • Michel Misse • Paula Freire Santoro • Pedro Abramo • Pedro Arantes • Pedro Britto • Renato Pequeno • Rodrigo Torquato da Silva • Rogerio Proença Leite • Rosa Ribeiro • Rose Compans • Salvador Schavelzon • Silvio Lima Figueiredo • Sylvia Ficher • Vera Malaguti Batista

Coleção Ensaios Brasileiros  
Contemporâneos

Direção da Coleção  
Francisco Bosco

Pesquisa do Volume Cidades  
Raquel Rolnik  
Ana Fernandes  
Edna Maria Ramos de Castro  
Leila Christina Duarte Dias  
Mariana Cavalcanti Rocha dos Santos

Edição

Filomena Chiaradia

Produção Editorial  
Jaqueline Lavor Ronca

Produção Gráfica  
Julio Fado

Produção Executiva  
Gilmar Cardoso Mirandola

Capa e Projeto Gráfico  
BR75 Produções | Luiza Aché

Diagramação  
BR75 Produções | Luiza Aché

Preparação de Originais  
BR75 Produções | Silvia Rebello

Revisão  
BR75 Produções  
Clarisse Cintra  
e João Sette Camara

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cidades / Raquel Rolnik, Ana Fernandes (Org.).

Rio de Janeiro: Funarte, 2016.

552 p.; 23cm.

(Ensaios brasileiros contemporâneos)

ISBN 978-85-7507-179-3

1. Cidades - Aspectos sociais. 2. Sociologia urbana.  
3. Cidades - Aspectos culturais. I. Rolnik, Raquel.  
II. Fernandes, Ana. III. Série.

CDD 307.72

Copyright © Funarte

Todos os direitos reservados.

Fundação Nacional de Artes · Funarte. Rua da Imprensa, 16 Centro — Cep: 20030-120  
Rio de Janeiro - RJ Tel. (21) 2279-8071 | [livraria@funarte.com.br](mailto:livraria@funarte.com.br) — [funarte.gov.br](http://funarte.gov.br)

## **Sumário**

<b>Prefácio</b>	<b>11</b>
<b>A produção da cidade e de suas representações: das ideias clássicas às inflexões recentes</b> Cibele Saliba Rizek	<b>19</b>
<b>São Paulo: metrópole-orntorrinco</b> Mariana Fix e Pedro Arantes	<b>35</b>
<b>Transformações sociais e políticas nas periferias de São Paulo</b> Gabriel de Santis Feltran	<b>41</b>
<b>Da lógica do favor à lógica do pavor: um ensaio sobre a geografia da violência na cidade do Rio de Janeiro</b> Carlos Walter Porto-Gonçalves e Rodrigo Torquato da Silva	<b>69</b>
<b>Rio como um bazar, a conversão da ilegalidade em mercadoria política</b> Michel Misse	<b>103</b>

<b>O Alemão é muito mais complexo</b> Vera Malaguti Batista	117
<b>Salvador cidade túmulo — a Rcaja segue a luta enfrentando espinhos, depositando crisântemos e plantando girassóis</b> Hamilton Borges Walê	143
<b>Cartografias afetivas na cidade: As esferas de pertencimento de jovens traficantes da Baixada Fluminense</b> Diogo Lyra	149
<b>O novo carioca</b> Jailson de Souza e Silva, Jorge Luiz Barbosa e Marcus Vinícius Faustini	167
<b>Vans</b> Marcus Vinícius Faustini	171
<b>Buenos Aires: tão perto, tão longe</b> João Farias Rovati	179
<b>Aqui não é a Holanda! Mas já temos ciclovias</b> Letícia Lindenberg Lemos	191
<b>Gerações discursivas do cicloativismo no Brasil: sport, transporte e mobilidade</b> Rosa Ribeiro	195
<b>Círio de Nazaré: festa e paixão</b> Silvio Lima Figueiredo	219
<b>Belém do Pará: cidade e água</b> Juliano Pamplona Ximenes Ponte	235
<b>A cidade contra a favela — a nova ameaça ambiental</b> Rose Compans	251
<b>Natureza celibatária e hiper-realidade na cidade contemporânea</b> Pedro Britto	277
<b>Políticas urbanas em renovação: uma leitura crítica dos modelos emergentes</b> Fernanda Sánchez	297

<b>Da Providência à Cidade do Espelho: a arquitetura e o urbanismo como máquina de desejo da cidade</b>	325
Lutero Pröscholdt Almeida	
<b>Aspecto de agora</b>	337
Antonio Risério	
<b>A cidade com-fusa</b>	345
Pedro Abramo	
<b>Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio</b>	383
Denise Elias e Renato Pequeno	
<b>Brasil, espetáculo do crescimento</b>	403
Paula Freire Santoro	
<b>Algumas Brasília</b>	411
Sylvia Ficher	
<b>Castelos de Barbie — a falsidade da arquitetura “neoclássica”</b>	421
Elane Ribeiro Peixoto e Márcia Metran de Mello	
<b>Margens do dissenso — espaço, poder e enobrecimento urbano</b>	425
Rogério Proença Leite	
<b>Ocupe Estelita: o movimento de uma cidade contra as empreiteiras</b>	449
Luiz Carlos Pinto	
<b>BaixoCentro: o grito dos outros</b>	457
Movimento BaixoCentro	
<b>Oficina: um teatro atravessado pela rua</b>	463
Guilherme Wisnik	
<b>Um coletivo em rede construindo alternativas políticas para a cidade: O Desocupa Salvador</b>	481
Angelo Serpa	
<b>Quem sai, quem fica: os dilemas e os limites da instrumentalização do direito à cidade</b>	503
Daniel Caribé	

<b>Quando a cidade vai às ruas</b>	<b>519</b>
Carlos Vainer	
<b>Junho está sendo</b>	<b>525</b>
Xs organizadorxs	
<b>Outros ensaios indicados</b>	<b>537</b>
<b>Sobre as organizadoras</b>	<b>541</b>
<b>Sobre os autores</b>	<b>543</b>



## **Círio de Nazaré: festa e paixão\***

Silvio Lima Figueiredo

### **Sobre o Círio de Nazaré**

Hoje é dia de grande festa, uma festa de que nós costumamos a compreender a significação, tanto nela o elemento religioso se acha singularmente misturado ao grotesco e ao bizarro. É o dia do Corpo de Deus. Mas como cai na mesma data de uma antiga cerimônia em honra de São Jorge, celebrada aqui com toda sorte de solenidades dos bons tempos de outrora, as duas se confundem [...]. Vem na frente a parte religiosa do cortejo: uma longa fila de padres e membros de irmandades conduzindo tochas acesas, pirâmides de flores, estandartes etc.; depois o Santíssimo Sacramento, sob um pálio de cetim branco bordado de ouro sustentado por varas roliças; seguram essas varas os mais altos dignitários do país, o próprio imperador e o seu genro, o duque de Saxe. Segue-se, a cavalo, no mais estranho contraste, um manequim do tamanho natural representando São Jorge. A imagem

---

\* Texto publicado em: FIGUEIREDO, Silvio Lima. *Círio de Nazaré: festa e paixão*. Belém: UFPA, 2005.

tesa, torta e grosseira era acompanhada por escudeiros a cavalo, quase tão grotescos e ridículos.<sup>1</sup>

Louis e Elizabeth Agassiz, viajantes que estiveram no Brasil no século XIX, relatam uma festa religiosa, uma procissão em louvor a São Jorge na cidade do Rio de Janeiro, que tem lugar no dia de Corpus Christi. Eles transmitem a reação que qualquer estrangeiro parece ter ao presenciar essas procissões: a incompreensão. Mais espanto ainda sentem os que vêm de terras ao Norte, de outras religiões, como as protestantes. A tentativa de ver essas festas apenas na perspectiva religiosa provoca observações etnocêntricas; o mesmo se dá quando se tenta observá-las procurando um lado “sagrado” e um lado “profano”. Em Belém do Pará, o Círio de Nazaré suscita reações semelhantes, pelo que se observa, por exemplo, nos escritos do missionário metodista Daniel Kidder, e pela indignação de José Veríssimo.<sup>2</sup>

A palavra “círio” vem do latim *cereus*, que significa vela (cera): a vela homenageia o santo católico, e os ex-votos simbolizam o pagamento de promessas aos santos. Da homenagem aos santos, o círio passou a representar os ritos processionais que pululam aqui e ali, principalmente em Portugal e no Brasil, em função de alguma divindade da Igreja Católica. Segundo a historiadora Mary Del Priore, a origem desses ritos processionais no Brasil está ligada à mudança da configuração da Igreja Católica em nossas terras.<sup>3</sup> Após a chegada dos portugueses, e a subsequente catequização dos índios, a Igreja Católica, em razão da resistência dos índios às práticas religiosas europeias, necessitou utilizar alguns artifícios na prática da catequização. As procissões e devoções a imagens já existiam, mas no Brasil alcançaram uma grande importância exatamente por essa, digamos, “abertura” dada ao rito, com a exacerbação do culto das imagens, a introdução de elementos pagãos, não só de origem indígena, mas também de origem africana.

Até os anos 60 do século XIX, as procissões eram acontecimentos comuns, que tendiam a se transformar em grandes encontros sagrados, nos quais a população podia sair do cotidiano e se aproximar de Deus, alcançar a transcendência, ao mesmo tempo em que se distraía. No período que antecede à chamada romanização, a busca de novos fiéis, a todo custo, provocou o uso exacerbado de símbolos da Igreja (cruz, velas, imagens), e a maioria das ma-

<sup>1</sup> AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Brasília: Senado Federal, 2000, p. 66-67.

<sup>2</sup> KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*. São Paulo: Martins, 1951; VERÍSSIMO, José, apud ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto*. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 70.

<sup>3</sup> DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

nifestações religiosas ganhou dimensões teatrais e espetaculares. Portanto, não se deixava de lado o entretenimento e o lazer do povo.

Essa situação preocupava a Igreja Católica, que não via com bons olhos tanta demonstração de “fanatismo” e a mistura de crenças e comportamentos aparentemente incompatíveis com seus preceitos. O processo de romanização (reforma) levou a Igreja no Brasil a aproximar-se dos preceitos da Igreja em Roma, segundo Heraldo Maués,<sup>4</sup> e a distanciar-se do governo do Império, que limitava as ações eclesiais. No estado do Pará, esse movimento, encabeçado por d. Macedo Costa, provocou o afastamento de vários bispos ligados ou ao governo ou à maçonaria. O círio foi um dos atos de devoção alvo de controle por parte da Igreja. Assim, d. Macedo proibiu a procissão com argumentos do tipo: “É uma fonte perene de corrupção.” Da mesma forma, a corda sofreu proibições. No entanto, foi impossível modificar o que já estava marcado na cultura do povo, e depois de muita indisposição com os fiéis, o círio passou a ser realizado anualmente.

Na festa, cujo caráter ritual fundamenta sua significação, instala-se uma nova ordem, diferente da cotidiana, e observa-se uma série de comportamentos que não são próprios do dia a dia. Dessa forma, o Círio de Nazaré é estudado hoje em dia como um ritual. É o que se deduz das análises antropológicas sobre o tema como *Os ritos de passagem*, de Arnold Van Gennep, e *O processo ritual*, de Victor Turner.<sup>5</sup> Esses estudos inspiraram o livro de Isidoro Alves, *O carnaval devoto*, resultado de uma pesquisa realizada em 1976.<sup>6</sup>

Além das teorias sobre os ritos, os conceitos de estrutura e *communitas* de Victor Turner são importantes para interpretar o círio hoje, e talvez sempre. O círio é hoje o acontecimento fundador da sociedade paraense, se isso é possível, marcando sua identidade, conjugando culturas e éticas. É uma explosão dos sentidos e das paixões.

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré é uma procissão que ocorre sempre no segundo domingo de outubro. Mas não é só isso; é na verdade a grande festa de Belém, reunindo eventos durante quase 15 dias de festividades, ligadas ou não à Igreja, organizadas ou não pelo governo e pela Igreja. Nem sempre foi assim. O círio iniciou com uma feira realizada em Belém, mais precisamente

<sup>4</sup> MAUÉS, Heraldo. *Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. Belém: Cejup, 1999, p. 119.

<sup>5</sup> VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978; e TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

<sup>6</sup> ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto*, op. cit.

no local da atual praça Santuário, no mês de setembro, no dia de Nossa Senhora de Nazaré.

Na sua origem, a lenda mistura-se à realidade. O círio é uma procissão baseada na devoção a Nossa Senhora de Nazaré realizada há mais de 200 anos (desde 1793). Essa devoção, comum em outros lugares, principalmente em Portugal, em Belém ganhou uma dimensão particular em razão de sua origem mítica: o achado da imagem da santa pelo caboclo Plácido.

As palavras do inglês Henry Bates demonstram a importância do círio já em meados do século XIX:

A comemoração do dia de Nossa Senhora de Nazaré constitui a mais importante festa religiosa do Pará. Muita gente vem, para as festividades, da cidade do Maranhão, situada a 450 quilômetros de distância. [...] A popularidade da festa se deve em parte à época do ano em que é realizada, ou seja, nos dez dias que precedem a lua cheia de outubro ou novembro, quando o tempo se mostra magnífico.<sup>7</sup>

Em Portugal, o culto inicia-se com a chegada da imagem de Nossa Senhora de Nazaré feita na Palestina. Essa imagem foi parar em Portugal e teve um papel importante na proteção contra os mouros que ocuparam a região. A imagem perdeu-se. A lenda diz que, anos mais tarde, d. Fuas Roupinho, caçando um veado em dia de nevoeiro, conseguiu escapar da morte após o aparecimento da santa, no precipício onde iria cair, o que o livrou da morte certa. Esse milagre é a origem da devoção em Portugal. A imagem, reencontrada, foi colocada em uma ermida.

### **Aspectos centrais e periféricos do círio**

Uma lente objetiva que se aproxima e se afasta do círio mostra-nos uma mudança de perspectiva quando tentamos entender a festa. De longe, é carnaval; de perto, procissão religiosa. São várias "festas", não duplas, nem contraditórias, mas múltiplas. A principal personagem é a santa, que está em todos os lugares. Aqui e ali, nas casas, no interior de oratórios ou em cima da cômoda, seja a imagem em gesso, seja o "retrato". Está na parede externa das casas nos cartazes cujos motivos mudam a cada ano. Está também nas pessoas, nos bôtons e broches, nos bonés, nas camisas, nas fitinhas, tudo

<sup>7</sup> BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979, p. 31.

com a estampa ou com o nome “Nossa Senhora de Nazaré”. No carro, nas bandeiras amarelas, nos barcos, nos balões e enfeites coloridos. Nas ruas, nos pôsteres, outdoors, arcos, pinturas, murais. “Meu Deus, aí vem a Nossa Senhora! Mãe Ciana dobra os joelhos; valci-me. Que a minha morte seja no perdão de sua benção.”<sup>8</sup>

A santa e sua peregrinação é o mais importante. Ela é a mãe de todos, a protetora e a interveniente entre os homens e Jesus Cristo, o filho de Deus. O deslocamento da santa é o deslocamento de sua imagem. Existem duas santas (existem na verdade muitas santas, mas duas têm especial destaque), a chamada original, achada por Plácido no século XVIII, origem da devoção, que desce do altar onde é guardada na Basílica de Nazaré para ficar mais próxima dos fiéis durante os dias da festa, e a que peregrina, que participa das procissões, permanecendo depois na praça Santuário para abençoar os fiéis e receber seus pedidos. No final das festividades, retorna ao colégio Gentil Bittencourt, colégio católico que se localiza perto da Basílica de Nazaré e da praça Santuário. Os principais deslocamentos são quatro: a chamada romaria fluvial, realizada no sábado que antecede a procissão do círio; a trasladação, o círio e o recírio. Ao redor desses acontecimentos principais estão as tantas outras festas, reuniões, peregrinações, milagres, promessas, autos etc.

Na antevéspera do dia do círio, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré vai para Ananindeua, município que faz parte da região metropolitana de Belém, de onde segue na manhã seguinte para a Vila de Icoaraci, ponto de partida da romaria fluvial. Saindo de Icoaraci, os barcos seguem até o porto de Belém. Na noite desse mesmo dia, acontece a trasladação, uma procissão noturna em que o povo conduz a imagem da santa da capela do colégio Gentil Bittencourt até a Catedral Metropolitana de Belém (Igreja da Sé). Na manhã do segundo domingo de outubro, a romaria sai da catedral, fazendo um percurso de aproximadamente três quilômetros pelas principais ruas de Belém, conduzida por mais de um milhão de pessoas. Durante quase cinco horas, a imagem da santa, carregada em uma berlinda ornada com flores naturais, recebe homenagens até sua chegada à Basílica de Nazaré.

Mas isso não é tudo: várias manifestações e eventos, que fazem parte da festa, acontecem paralelamente à procissão.

O Auto do Círio é um conjunto de espetáculos encenados nas ruas da Cidade Velha (Centro histórico de Belém), como uma procissão dramática. Em determinados trechos das ruas, os atores param e encenam esquetes, danças,

<sup>8</sup> JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*. São Paulo: Martins, 1970, p. 322.

performances. No final, ao som de sambas que referenciam o círio, todos os participantes, juntamente com o público, dançam e reverenciam Nossa Senhora de Nazaré. O cortejo é organizado anualmente pela Universidade Federal do Pará (UFPA), por meio da Escola de Teatro e Dança, e congrega a classe artística da cidade que homenageia a santa.<sup>9</sup>

Na romaria rodoviária, a imagem da santa, em um carro especial, sai em procissão pelas ruas de Ananindeua e Belém até chegar a Icoaraci, distrito situado a 15 quilômetros da cidade. A imagem percorre ruas da periferia, de carro, sendo saudada pelos moradores das avenidas por onde passa, que decoram as fachadas de suas casas com balões e faixas.

Em Icoaraci, é celebrada uma missa. Uma pequena estrutura é montada, com palco para as homenagens. Essa estrutura fica na orla da vila, perto do pequeno porto de onde a imagem sairá para a romaria fluvial.

Na romaria fluvial, a imagem é levada em um barco da Marinha pela baía do Guajará, acompanhada de barcos de todos os tamanhos, enfeitados. Os barcos são de agências de turismo de Belém, empresas, famílias etc. Geralmente são decorados na noite anterior. De manhã, saem muito cedo, por volta das 6 horas, quando é oferecido o café da manhã aos participantes. Em alguns barcos, há missa; em outros, festa com venda de bebidas e comidas. São vendidos pacotes a turistas e à população de Belém.

O pacote das agências de turismo inclui a viagem sempre em “luxuoso barco”, com “delicioso” café da manhã servido a bordo, missa, *kit* romaria (geralmente camisas, chapéus, bótons, medalhas, terços etc.), refrigerante e água à vontade, música ao vivo, e sorteio de imagens da santa. O passeio dura de quatro a cinco horas. Mas a romaria não é feita só de turistas: muitos barcos de ribeirinhos acompanham a procissão, tão enfeitados quanto os barcos turísticos.

Após a romaria fluvial, a imagem chega à escadinha do cais do porto, na praça Pedro Teixeira, perto do mercado Ver-o-Peso. Lá é recebida pelos motoqueiros que a levam novamente ao colégio Gentil Bittencourt, pelas ruas da cidade. Muitas homenagens novamente na romaria dos motoqueiros.

Na sexta à noite, juntamente com o Auto do Círio, instala-se a feira dos brinquedos de miriti, que recebe muitos visitantes após a romaria fluvial. Os artesãos de Abaetetuba, cidade próxima, chegam à capital para mostrar

<sup>9</sup> Ver SANTA BRÍGIDA, Miguel. *O Auto do Círio: dança, fé e carnaval em Belém do Pará*. Belém: UFPA; Salvador: UFBA, 2004.

os famosos brinquedos, tradicionais durante a festa do círio, feitos da palmeira miriti, ou buriti, que são expostos e vendidos na praça do Carmo e na praça da Sé.

Após a romaria fluvial e a chegada da santa à escadinha do cais do porto, o Arrastão do Círio sai pelas ruas da Cidade Velha. Durante a feira de brinquedos de miriti, um grande público dança com as músicas de boi e carimbós, na apresentação que termina no palco da praça do Carmo. É o arrastão da Cobra Grande.

Na tarde de sábado, as famílias costumam ir aos supermercados e feiras comprar os complementos para o almoço de domingo. Ao longo da semana, dois pratos típicos — a maniçoba e o pato no tucupi<sup>10</sup> — são invariavelmente preparados nas casas das famílias de Belém. O almoço do círio é a reunião tradicional das famílias paraenses. Nessa época, os parentes que estão longe retornam a Belém.

A trasladação é a procissão noturna em que a imagem da santa é levada do colégio Gentil Bittencourt até a Catedral da Sé, em um percurso que dura aproximadamente 5 horas. É a procissão menos cansativa, pois é realizada no período noturno, quando o calor diminui, recebendo a participação de muitos idosos e jovens, estes últimos na corda. Nesse dia, a cidade funciona 24 horas, nas festas dos estivadores, no cais do porto, no “Arraial de Nazaré” e, principalmente, na praça da República, na Festa da Chiquita. Ainda durante a noite, após a trasladação, os preparativos para o círio começam.

A Festa da Chiquita foi criada por um grupo de pessoas que frequentavam o Bar do Parque, bar tradicional de Belém localizado na praça da República. Querendo prestar uma homenagem a Nossa Senhora da Nazaré e à cultura paraense, armam um palco em frente ao teatro da Paz, local mais tradicional da cidade, em plena praça, no qual se apresentam grupos de carimbó e artistas locais. A festa dura a noite toda, e os principais frequentadores são os homossexuais. A organização da festa entrega um prêmio às pessoas que se destacaram durante o ano em algumas áreas; o troféu tem o nome sugestivo

<sup>10</sup> A maniçoba é um prato feito com a maniva, folha da mandioca, moída e cozida por aproximadamente oito dias. No quarto dia de cozimento, acrescentam-se ingredientes defumados, como chouriço, toucinho, charque e outros. É servida com arroz branco. O pato no tucupi é o prato mais representativo da culinária paraense. Ao pato assado no forno adiciona-se o tucupi (suco de uma espécie de mandioca). Após essa etapa, juntam-se as folhas de jambu (planta amazônica que é cozida separadamente) e deixa-se ferver. Serve-se com arroz branco e molho de pimenta-de-cheiro, previamente fervido com alho e chicória.

de “Veado de Ouro”. Quando os romeiros começam a passar para o círio, ainda há vestígios da festa. Alguns participantes deixam a festa e vão direto para o círio.

O círio é a procissão maior. No segundo domingo do mês de outubro, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré sai da Catedral da Sé e retorna à praça Santuário, em frente à Basílica de Nazaré. O círio é a procissão apoteótica, é o ápice, uma procissão complexa com vários momentos e elementos: a corda, os carros, a multidão, os padres, o povo, as celebridades da televisão e do cinema, os turistas.

Durante 15 dias até o recírio (procissão que devolve a santa ao colégio Gentil Bittencourt), a praça Santuário fica lotada de romeiros. O Arraial, parque localizado ao lado da basílica, concentra as formas “profanas” da festa, com jogos de azar, música, dança, bares, parque de diversões, funcionando quase 24 horas por dia. O Arraial passou por várias fases. Na verdade, a festa do círio iniciou-se com ele, com a grande feira de produtos regionais naquela mesma área no século XVIII. Era o centro das atenções durante o círio, o local em que todas as famílias, independentemente de classe ou credo, se encontravam.

O Círio de Nazaré é visto como a festa de integração e a festa identitária do povo paraense, não só pelos moradores de Belém, mas também pelas pessoas do interior, que, em peso, deslocam-se para a capital para rever parentes, pagar promessas e participar da festa. Nesse período, a cultura paraense manifesta-se em todos os bairros de Belém, na maioria das casas, quer pela culinária, quer pela música, artes etc. São realizados muitos eventos em função do círio, como feiras de artesanato, manifestações da cultura popular (bois, carimbós etc.), exposições de arte, festas, festivais, entre outros. Esses eventos aliam-se a ações organizadas pela Igreja, pelas comunidades e pelo poder público. Acendem-se as luzes da basílica, há uma série de procissões de menor porte como a romaria das crianças, a procissão da festa, e outras romarias. Assistir à missa de encerramento e depois ao espetáculo pirotécnico tradicionalmente realizado à meia-noite é programa obrigatório para a cidade. Os 15 dias de festa não encerram o círio. Na verdade, bem antes, já no mês de agosto ou setembro, as imagens da santa peregrinam em outras cidades do estado e, principalmente, são protagonistas das novenas, realizadas diariamente nas casas católicas em diversas ruas de Belém. A maior parte da cidade participa, e as famílias recebem as imagens em suas casas. Não há como fugir do círio, apenas quando se sai da cidade e se aproveitam os feriados para viajar.



## A festa

O círio é uma festa caracterizada pela efervescência das ações e comportamentos, nos limites da relação entre sacro e laico, natural e sobrenatural. É uma festa na “sua mais completa tradução”, através das situações contraditórias entre o lado sagrado e o lado profano, mas, principalmente, através da mistura e do hibridismo entre esses dois lados, que dá origem a muitos significados.

As interpretações do Círio como festa levam obviamente ao ritual, e alguns aspectos são relevantes: a procissão e sua relação com a serpente, símbolo universal; a procissão e sua relação com o rio, passagem, rito de passagem; o crotismo nas festas, nas roupas, nos comportamentos; a liberação e a ultrapassagem de limites morais tradicionais; a semelhança com o carnaval; a tentativa de controle estrutural, por parte da Igreja, do Estado, do comércio e do turismo; a ambiguidade e conflitos do controle estrutural, principalmente do Estado, quando apoia promoções populares; a significação polisêmica do círio para seus participantes; a motivação orgiástica para participar do círio.

Constata-se a existência de um tripé: religiosidade, festa/efervescência, e a polissemia para os participantes.

Há quem se indague se o círio é realmente uma verdadeira demonstração de fé, uma das maiores do mundo, em louvor a uma santa católica. Há também aqueles que acreditam que os círios são a voz do sofrimento do povo da Amazônia. Talvez não seja nem uma coisa nem outra, ou seja tudo isso.

A invasão do interior na cidade, do rural no urbano, poderia representar um choque de culturas, ou uma invasão cultural sem igual, mas isso não acontece, pois, em Belém, o rural é urbano, ou vice-versa; na cidade há um espaço-momento em que eles se encontram, e esse espaço-momento é o círio.

A importância do círio é tal que a celebração religiosa é considerada o “Natal dos paraenses”. Não se espante se alguém lhe desejar “bom círio” enquanto caminha pelas ruas. É que a expressão é tão significativa quanto o “feliz Natal” que costumamos ouvir quando chega dezembro.

A explicação para tamanha devoção está em uma lenda popular que narra como o caboclo Plácido levou a imagem que passou a fazer milagres. Enquanto caçava na Utinga, local hoje conhecido como avenida Nazaré, o homem achou entre as folhagens uma réplica da Nossa Senhora de Nazaré que existe em Portugal. Plácido levou a imagem para casa e colocou-a num altar.

No dia seguinte, para seu espanto, ela não estava mais lá. Dias depois, o caboclo voltou ao mesmo lugar para caçar e encontrou, novamente, a imagem. Mais uma vez, levou-a para casa, e de novo a imagem sumiu, sendo encontrada novamente no lugar em que foi vista pela primeira vez. Sabendo do ocorrido, o governador Francisco de Souza Coutinho resolveu levar a imagem para o palácio do governo. Mas, novamente, a santa sumiu e foi encontrada no lugar de origem.

Diante de tanto mistério, Souza Coutinho decidiu pela construção de uma capela no local das aparições, dando início à primeira romaria, que saiu do palácio em direção à capela. Conta a tradição que o governador ia à frente levando um "círio", que significa vela grande de cera. Daí o nome da festa. Como o volume de devotos passou a crescer mais e mais, as autoridades locais substituíram a pequena capela por uma basílica inspirada na Igreja de São Paulo, em Roma, com capacidade para receber milhares de católicos.

O fortalecimento dos símbolos católicos é um aspecto característico da religiosidade do povo da Amazônia. Segundo Eduardo Galvão,<sup>11</sup> o caboclo amazônico é católico, e sua religião com aspectos peculiares é muitas vezes vista como folclore e assim analisada. A dimensão que o círio tomou expressa a relação das populações do Brasil e da Amazônia com seus elementos formadores. Os ancestrais ameríndios, a conformação do ambiente, enfim, muitos fatores fizeram do chamado catolicismo caboclo um conjunto de crenças marcado por uma devoção acentuada aos santos padroeiros, além da organização de irmandades religiosas que empreendiam ações devocionais e festejos.

Além da configuração do catolicismo, segundo ainda Eduardo Galvão, essa religião é baseada na crença em criaturas chamadas bichos visagentos, como curupira, cobra-grande, matita perê, botos, encantados etc., na crença na panema, força mágica negativa que infecta criaturas humanas, animais ou objetos, incapacitando-os,<sup>12</sup> e na prática da pajelança, rezas. Esse sistema de relação com o sagrado está presente no *ethos* das populações amazônicas, e, no entanto, eles não se misturam, não de uma forma clara. E os bichos não recebem devoção; as práticas mencionadas devem ser evitadas, consideradas que são como malignas. O pajé "é um bom católico, mas ele não mistura suas práticas com as da Igreja".<sup>13</sup> A pajelança é distinta do culto aos santos. Os santos merecem devoção, e seu culto é marcado por festas geralmente

<sup>11</sup> GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1975.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 5.

organizadas por irmandades religiosas. Entre eles, há os santos padroeiros de ocupações ou especialidades, os santos padroeiros de vilas e cidades e os santos de simples devoção.

Na relação com os santos, há uma série de sentimentos e comportamentos, como respeito, temor, admiração. O medo da ira do santo, ou de ser abandonado por sua proteção, é constante. Os contratos, as trocas entre homem e santo, são marcadas pelas promessas. O devoto faz um pedido ao santo e, após receber o que solicitou, realiza alguma ação em nome do santo. No círio, acompanha-se a corda, carrega-se uma pequena casa de madeira, ou uma parte do corpo humano em cera, ou, ainda, apenas se acompanha o círio desde seu início até o final.

O atendimento dos pedidos e a fama de milagreiro do santo levam a uma maior ou menor devoção. Nossa Senhora de Nazaré está em um dos mais altos postos na devoção.

A devoção está associada a uma festa popular desde a criação de uma feira de produtos regionais. Pode-se dizer que o Círio de Nazaré, no seu formato básico de procissão e arraial, formou-se aí, como uma tradição inventada. Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se manter a continuidade com um passado histórico apropriado.<sup>14</sup>

O círio, comumente estudado como festa, pode ser considerado um momento ritual, um momento sagrado, relacional e comunitário, ao mesmo tempo em que a noção de festa pode significar um instrumento de reprodução de padrões vigentes (rememoração do passado que mantém significações da vida social presente) e, portanto, tradicionais. Também pode representar a mudança, a transformação.

Para Jean Duvignaud, são “coisas inúteis”, “coisas sem preço”,<sup>15</sup> que comecem a ganhar estudos de vários pesquisadores. A festa passa a ser um objeto importante das Ciências Humanas, e exprime significados e papéis do social que ajudam a interpretá-lo. Os estudos são orientados pela interpretação

<sup>14</sup> HOBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

<sup>15</sup> DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Fortaleza: Editora da UFCE; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 23.

primeira da festa como momento de ruptura, o momento do não ordinário, do não cotidiano. A festa é um momento especial da vida, ela não ocorre diariamente, não faz parte do normal. Esse momento funciona como uma suspensão, um intervalo: “Ficamos todos em suspenso, na angústia de que tudo termine, no êxtase maravilhado de que tudo continue.”<sup>16</sup>

Outras análises clássicas baseiam-se nos conceitos de *communitas* e de estrutura, encontrados nas obras de Victor Turner.<sup>17</sup> Conceito já tradicional nas análises das festas e dos rituais humanos, *communitas* é um momento ritual não estruturado, ou rudimentarmente estruturado, em que os indivíduos participantes relacionam-se entre si em um clima de comunhão. Opõe-se à estrutura, em que a sociedade é considerada um sistema estruturado, hierarquizado em posições “político-jurídico-econômicas”. A estrutura diz respeito ao estado de normas, do cotidiano, da ordem, do homem ordinário e secularizado.

A ideia central do ritual envolve um conceito de mudança, de transgressão e inversão de ordem e normas preestabelecidas. Os rituais são momentos liminares, momentos de comunhão e camaradagem.<sup>18</sup>

A festa como ritual, ligada diretamente à sacralidade, não tem uma forma constante. Existe o que Zeny Rosendahl chama religião civil,<sup>19</sup> centrada em festas civis e secularizadas totalmente, nas quais os heróis nacionais e os acontecimentos identitários possuem sentidos semelhantes ao sagrado.<sup>20</sup> Mesmo assim, a festa sagrada ou civil nunca é cotidiana, é ritual fora do cotidiano, e muitas vezes envolve elementos do lazer. O divertimento dos participantes é uma busca, em maiores ou menores proporções, aliada ao ritual religioso. No entanto, a festa não emprega regras, códigos; ao contrário, “destrói toda regulamentação, sem transgredi-la, simplesmente porque a transgressão descarta o ‘desvario’ e o ‘deboche’ a que, geralmente, as conjecturas reduzem a festa”.<sup>21</sup>

O Círio de Nazaré é uma prova da complexidade da festa, aliando momentos ritualísticos sacralizados, liminares, e momentos ritualísticos secularizados. O sagrado representa os momentos da efervescência e de aparente unanimi-

<sup>16</sup> LEIRIS, Michel. *Espelho da tauromaquia*. São Paulo: Cosac Naify, 2001, p. 47.

<sup>17</sup> TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*, op. cit.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 119.

<sup>19</sup> ROSENDAHL, Zeny. Espaço, política e religião. In: \_\_\_\_\_; LOBATO, Roberto (Org.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 26.

<sup>20</sup> *Idem*. Ver também FERNANDES, Rubem César. *Romarias da paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

<sup>21</sup> DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*, op. cit.

dade. Isso está presente no estudo de Isidoro Alves,<sup>22</sup> pois o autor lembra a “organização da festa” realizada por uma diretoria, com várias comissões por temas, com pessoal responsável por cada assunto do círio. Mas os eventos periféricos fogem ao alcance dessa diretoria, que só tem ação (aparentemente) no ordenamento das procissões: a ordenação dos outros eventos e festejos é de responsabilidade do poder público. Mas o Círio de Nazaré continua sendo mais do que isso.

O círio escancara o imaginário do paraense, transportando as representações cotidianas para os momentos festivos não formais e não cotidianos. Indo mais além, ele é uma forma de reafirmação do grupo social. Em tempos de fragmentação de identidades, o Círio de Nazaré é um acontecimento importantíssimo para a sociedade paraense.

Se o outro lado do ritual controla e disciplina, a procissão é a maneira de orientar as cerimônias e os ritos sob uma única forma. Ela é “rito procesional com uma função tranquilizante e protetora”.<sup>23</sup> Nela também se dão as trocas cerimoniais inscritas na relação homem/deus, homem/santo. A promessa é a forma com que essas trocas se manifestam. São direitos e deveres do homem e do santo.

Segundo Carlos Brandão,<sup>24</sup> a troca (simbólica) é toda relação transacional em contextos de ritualização entre categorias de sujeitos investidos de posições simbólicas, segundo seu modo de participação na situação ritual. Essa situação leva-nos a duas análises da festa: a de ritual e a de possibilidade de realização das prestações.

No círio, os carros dos milagres e a corda simbolizam a troca. O “carro dos milagres”, o “carro dos anjos” e o “carro das promessas” desfilam contando a história da devoção à Virgem, e recolhem as oferendas em retribuição às graças recebidas. No contexto do círio, há outro momento especial, símbolo do sacrifício máximo dos devotos: a corda. A maioria dos fiéis deseja acompanhar a romaria segurando a corda do círio. Tocá-la é sagrado, porque é por meio dela que é puxada a berlinda da Virgem. Mesmo tendo aproximadamente 400 metros de comprimento, a corda não é suficiente para tantas mãos. Além de puxar a corda, muitos romeiros aproveitam para pagar suas promessas vestindo-se de anjo, fazendo o percurso descalços ou distribuindo

<sup>22</sup> ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto*, op. cit.

<sup>23</sup> DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*, op. cit.

<sup>24</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

água às pessoas, num gesto de caridade cristã.<sup>25</sup> E também para participar da comunhão orgiástica.

Esse “sacrifício contratual” está presente nas dádivas aos deuses, ou, nesse caso, aos santos (Nossa Senhora de Nazaré). O objetivo é retribuir uma graça alcançada ou, no mínimo, comprar a paz e a harmonia do grupo perante a santa. Assim, os participantes investem na festa como um dever e recebem alguma coisa dela, como um direito.<sup>26</sup>

### **O círio do turismo e do comércio**

Às tradições inventadas (e todas não seriam?) pode ser incorporado o Círio de Nazaré, não só pela representação da procissão, mas também pelos seus elementos periféricos, como o Arraial. A criação da feira de produtos regionais pelo governador Souza Coutinho estimulou a vinda dos mercadores a Belém nesse período. O traslado entre as igrejas que resultou nas procissões do círio e da trasladação foi apoiado também pelo governador. Mais de 200 anos depois, a Companhia Paraense de Turismo (Paratur), órgão criado para dinamizar a atividade turística no estado do Pará, instituiu a romaria fluvial (já transformada em rodofluvial) na baía do Guajará, que banha a cidade de Belém. Logo depois, foi inaugurado o Museu do Círio. São ações ligadas principalmente ao aspecto turístico de uma festa com essa dimensão.

Ao longo do percurso da procissão do círio, instalam-se arquibancadas para dar condições ao turista e à população local de assistir ao “espetáculo”. São aproximadamente 5 mil pessoas nessas arquibancadas estrategicamente colocadas ao longo das ruas, principalmente na praça da República. Além disso, os visitantes e moradores postam-se às janelas das casas e prédios, a fim de olhar a santa. Os hotéis situados no percurso também preparam arquibancadas e estandes para a visualização da procissão. O comércio tem um de seus melhores desempenhos anuais, rivalizando com a época natalina.

Essa mercantilização não está presente apenas nessas manifestações da cultura, mas também na grande recepção de fluxos turísticos pelos hotéis, restaurantes e pela cidade como um todo. As ruas ficam cheias deromeiros, viajantes e turistas. Não se pode esquecer que nessa época multiplicam-se as manifestações culturais. As festas de santo na Amazônia têm muito em comum: há um primeiro momento em que

<sup>25</sup> Ver SARE, Larissa Latif. *A serpente do asfalto: estudo compreensivo do espetáculo da corda dos promesseiros no Círio de Nazaré em Belém do Pará*. Tese (Doutorado) — UFPA. Salvador, 2005.

<sup>26</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O divino, o santo e a senhora*, op. cit., p. 41.

a festa tem um propósito básico religioso, e um segundo momento, em que o fator econômico transforma a festa, que tende a uma padronização em função das trocas econômicas. Resulta daí a espetacularização do ritual, que passa a ser usado para atrair mais visitantes, como observa Nestor Canclini, em sua análise das festas de santo no México:

Temos visto que os rituais, a sua repetição, desaparecimento e inovação podem ser lidos como esforços voltados para uma intervenção no processo de remodelação das suas estruturas sociais, com o objetivo de manter uma regulação endógena da vida do povoado (Ocumicho) ou de reformá-la para que se integre à ordem externa (o mercado nacional e o turismo em Janitzio).<sup>27</sup>

### O círio como expressão estética e polissêmica

É preciso deixar claro que o círio é muito mais do que comércio, turismo e exploração econômica. Há momentos estruturais, mas também momentos comunitários; além disso, há momentos sacralizados, mas também momentos secularizados, representados pelo lazer e pelo divertimento, sem a perspectiva da religiosidade, mesmo que a santa sempre esteja presente.

Encontra-se no círio uma quantidade enorme de expressões culturais, múltiplas, representando a atual dimensão que o ritual desenvolveu. A festa traz coesão social, tão cara a rituais coletivos, onde se pode ver as caracterizações da cultura expressas nas ações da relação do homem com o sagrado, em função das comunidades onde o ritual está inserido. Em Belém, o círio concentra a maior parte dos eventos da cidade, deixando o resto do ano sem muitas expressões. A ausência de carnaval talvez seja a causa e a consequência dessa configuração. Também se destaca a grande quantidade de visitantes que a cidade recebe nesse período, e a necessidade ritual e econômica de potencializar essa demanda adicional.

O ritual como regra de conduta para a relação do homem com o sagrado<sup>28</sup> e como espaço/momento de manifestação do sagrado (hierofania)<sup>29</sup> transforma-se em um momento de diversão e lazer despreocupado. No círio, a polissemia implica a existência de vários grupos que se relacionam de formas diferentes com o ritual, com a festa. Para os que aproveitam os momentos de lazer, a festa do Círio de Nazaré é não produtiva. Não se está falando do

<sup>27</sup> CANCLINI, Nestor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 128.

<sup>28</sup> DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

<sup>29</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

papel dos mordomos e patrocinadores,<sup>10</sup> do esforço financeiro, mas do gasto, do dispêndio de energia sem nenhum retorno aparente. Gasta-se energia sem que exista uma razão objetiva para que as pessoas participem da ação. Às vezes, é incompreensível para os estrangeiros.<sup>11</sup>

Da mesma forma, é uma permissão para que a cultura regional, local, saia de suas masmorras e flua, naturalizada novamente, reconhecida por todos os moradores e romeiros que vêm do interior do estado e até de outros estados da região Norte, como cultura própria. Pedem passagem, e passam, junto com a procissão e as “festas profanas”, as comidas do interior, a farinha de mandioca, a maniva cozida, o tucupi, o camarão e o tacacá. Passam também os cordões de pássaros, os bois-bumbás, as danças, o carimbó, as músicas regionais. O povo dança, come e brinca o tempo todo, tudo pela santa; as performances são muitas, e a beleza do quadro que é composto, no mosaico de formas e ritmos, é fenomenal.

O espetáculo não é só para ser visto, é também para ser sentido, percebido pelos vários sentidos, que ficam sobrecarregados das sensações de experiências do Círio de Nazaré. Belém transforma-se, assim, na capital cultural do Norte do país.

Os aspectos da cultura manifestados durante o círio aludem a uma festa que transcende o aspecto religioso. Daí porque o evento deve ser vendido não só como turismo religioso, mas também como turismo cultural. Belém não é Hierópolis, cidade em que predomina a ordem espiritual e cuja organização espacial é marcada pela prática religiosa da peregrinação ao lugar sagrado.<sup>12</sup> A movimentação de fiéis é intensa, mas não se compara ao fluxo intermitente de Juazeiro do Norte ou Aparecida, centros de peregrinações. O círio de Belém transforma a cidade em Hierópolis por um curto momento. Depois, tudo volta ao normal.

Mas isso ainda não é tudo.

<sup>10</sup> SMITH, Waldemar. *El Sistema de fiestas y el cambio económico*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1981.

<sup>11</sup> MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

<sup>12</sup> ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 85.



### **Rosa Ribeiro**

Arquiteta e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.

### **Rose Compans**

Doutora em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ, é arquiteta urbanista da Prefeitura do Rio de Janeiro, ex-professora da FAU/UFRJ e FAU/Bennett, e autora do livro *Empreendedorismo urbano: entre o discurso e a prática*, sua premiada tese de doutoramento, além de diversos artigos.

### **Salvador Schavelzon**

Antropólogo, professor e pesquisador na Universidade Federal de São Paulo e no programa de Estudos Culturais da USP-Leste. Publicou sobre plurinacionalidade, cosmopolítica, autonomia política, Antropologia do Estado e teoria política latino-americana.

### **Silvio Lima Figueiredo**

Doutor em Comunicação pela USP com pós-doutorado em Sociologia pela Université René Descartes — Paris V Sorbonne. Professor do PPGDSTU/NAEA/UFGA. Pesquisador do CNPq, publicou vários artigos e livros, entre eles, *Mestres da cultura* (2009), *Viagens e viajantes* (2010) e *Sociedade, campo social e espaço público* (2014). Como documentarista dirigiu *Naza*, *Brincadeira de mestre*, *Filhas de Jambuaçu*, *Arte de mestre*, *Martírios de Santa Cruz*, *Festa de mestre e Música de mestre*.

### **Sylvia Fischer**

Arquiteta pela FAU/USP, mestre em Preservação Histórica pela Columbia University (Nova York) e doutora em História Social pela FFLCH/USP, fez pós-doutorado em Sociologia na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris). É professora titular da Universidade de Brasília.

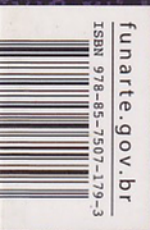
### **Vera Malaguti Batista**

Professora adjunta de Criminologia da UERJ, secretária-geral do Instituto Carioca de Criminologia e diretora da revista *Discursos Sediciosos: Crime, Direito e Sociedade*. É autora de *Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro*, *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história* e *Introdução crítica à criminologia brasileira*.

Cidade brasileira. Mas elas são muitas! Como podemos chamar igualmente de cidade uma metrópole de 20 milhões de habitantes como São Paulo, nó de uma rede global de cidades, e uma pequena localidade no Sertão ou à beira de um igarapé? [...]

Insistimos, no entanto: é impossível falar sobre todas, mas é necessário ao menos falar sobre muitas, a partir de diversos olhares, recortes, posições, incluindo não apenas intelectuais que produzem reflexões sobre a cidade, mas também sujeitos que são protagonistas dos processos nela em curso. Exatamente por isso, muitos dos que aqui comparecem são jovens autores, ativistas da cidade em diversas dimensões.

Do prefácio de Raquel Rolnik e Ana Fernandes



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

MINISTÉRIO DA  
**CULTURA**

